

*"Desejei ardentemente celebrar
esta Páscoa convosco"*
(Lc 22,15).

S. Ádano Islei Pinheiro
Instituto Tenente Ferreira
Barbacena - MG



Padre HELVÉCIO BARUFFI
Salesiano Sacerdote

Caríssimos Irmãos,

Passaram-se três anos desde o dia em que Deus chamou para o prêmio da vida eterna o nosso querido Padre Helvécio Baruffi. Sua lembrança, porém, ainda está viva dentro de nós e em todos aqueles que gozaram da sua amizade e da sua dedicação salesiana. Não posso deixar de repetir o que eu disse no dia 26 de fevereiro de 2008, na homilia dos funerais: *“Sentiremos falta do seu sorriso, da sua esperteza, da sua alegria, da sua humildade, da sua simplicidade evangélica, da sua forte identidade salesiana, do seu amor a Dom Bosco e à Congregação, da sua dedicação à Região (do Cone Sul), da sua participação no Conselho Geral. Estou certo, porém, de que a sua morte e a sua intercessão serão fecundas”*.

Esta carta, que somente agora posso escrever-lhes, é um ato de reconhecimento, em primeiro lugar a Deus que nos concedeu um irmão tão amável e generoso; depois, ao próprio Padre Helvécio, por tudo o que fez pelos jovens e pela Congregação, e pelo exemplo que nos deixou; finalmente, a todos que o acompanharam no seu caminho salesiano e sacerdotal. De modo especial sinto a obrigação de expressar minha profunda gratidão ao Padre Baruffi por sua proximidade quando ambos éramos Conselheiros Regionais; por sua estreita e eficaz colaboração quando me tornei Reitor-Mor, e por sua estima pessoal e lealdade, tudo isso vivido com o frescor e a limpidez que sempre o caracterizaram.

1. A inesquecível última viagem

Pelo fim do ano de 2007, o Padre Helvécio Baruffi passou por diversas Inspetorias da Região América Latina Cone Sul, levando adiante seu trabalho em nome da Congregação. Naquele período sentia grande cansaço físico; parecia estar resfriado. Medicado em diversos países, todavia, por causa das frequentes viagens, os exames médicos foram sempre superficiais.

Quando, em novembro, chegou à Inspetoria de Porto Alegre a fim de encaminhar a consulta para a nomeação do novo Inspetor, fez exames médicos mais aprofundados. Terminado o trabalho da consulta, internou-se num hospital onde foi submetido a uma intervenção cirúrgica para drenar um dos pulmões. Nesse ínterim, realizou-se uma série minuciosa de exames a fim de diagnosticar a causa da presença de água nos pulmões. Os exames médicos não acusaram nada, apesar de toda a dedicação dos médicos. Entretanto, mesmo hospitalizado, o Padre Helvécio continuava a trabalhar a fim de redigir os relatórios exigidos pela sua função. Esboçou a relação a respeito da Região do Cone Sul que deveria apresentar ao Capítulo Geral XXVI: pensava que poderia concluí-la em Roma antes do início oficial do Capítulo.

Nesse meio-tempo, solicitou uma passagem para Roma. Os médicos desaconselharam-lhe a viagem; ele, porém, respondeu que precisava partir sem falta: interiormente sentia a obrigação de chegar a Roma, encontrar-se com o Reitor-Mor e com os membros do Conselho Geral, apresentar ao Capítulo sua relação do sexênio, depois despedir-se e voltar para a Inspetoria de Porto Alegre. Tinha

uma esperança e um sonho que deixou por escrito: *“Meu sonho futuro é: terminado este sexênio, retornar à Inspetoria e trabalhar numa casa de formação ou em alguma paróquia. Penso que toda a experiência que adquiri me ajudará a ser um padre melhor, mais atento aos irmãos e, sobretudo, com maior capacidade de discernir o Espírito de Deus”*. Não pôde realizar este sonho porque a vida o conduziu por outros caminhos.

No dia 20 de fevereiro, acompanhado pelo Inspetor, Padre José Valmor César Teixeira, e pelo Delegado para o Capítulo Geral XXVI, Padre Orestes Carlinhos Fistarol, viajou de Porto Alegre para São Paulo. Ainda fraco e magro, caminhava com o apoio de uma bengala; os pés estavam um pouco inchados. No trecho de Porto Alegre a São Paulo, e depois, de São Paulo a Madri, tudo correu relativamente bem; falava, porém, pouquíssimo. Em Madri solicitou uma cadeira de rodas para se mover pelo aeroporto. Após algumas horas de espera, embarcou para Roma, meta final da viagem. Durante o voo, sentiu-se cada vez mais fraco; respirava com dificuldade; sentia dores na parte superior do braço direito. Assustados, os companheiros de viagem não sabiam o que fazer para ajudá-lo; contatado o pessoal de bordo, procurou-se dar-lhe a melhor assistência possível.

No aeroporto de Fiumicino, em Roma, o Padre Helvécio foi o último a descer do avião; embora lúcido, não conseguia mais caminhar. O Padre Francis Alencherry e o Irmão Cesare Borlengo, que no aeroporto esperavam os Capitulares, dando-se conta da grave situação, apressaram-se em levá-lo para a Casa Geral. Ali, o Reitor-Mor o encaminhou imediatamente para o hospital Casa di Cura Pio XI, na Via Aurélia, onde foi logo atendido. Teria, porém, poucas horas de vida. Foi-lhe administrada a Unção dos Enfermos. O esforço da viagem precipitara o desfecho de um mal que lhe minava as forças: uma forma raríssima de leucemia, acompanhada de trombose

pulmonar. Faleceu às 21h50 do dia 21 de fevereiro de 2008. O médico de plantão que o acompanhou, Dr. Roberto Andò, diagnosticou como causa da morte: *"Embolia pulmonar aguda"*.

Os funerais foram celebrados na Casa Geral, no dia 26 de fevereiro, na abertura do Capítulo Geral XXVI. Representando a família do Padre Baruffi, estavam presentes dois irmãos, Áurea e Celso, acompanhados pelo Padre Renato dos Santos. Perante uma Assembleia tão significativa de Inspetores e Delegados de todas as Circunscrições da Congregação e dos Delegados dos grupos da Família Salesiana, o Reitor-Mor presidiu a celebração, agradecendo a Deus pela vida do Padre Helvécio, despendida em favor da Congregação Salesiana. Agora, seu corpo repousa na Cidade Eterna, no cemitério de Prima Porta. Na fé, estamos certos de que o nosso querido irmão recebeu o prêmio eterno e participa da festa dos eleitos.

2. Seu percurso de vida e de missão salesiana

O ambiente familiar na origem da vocação

Helvécio nasceu e passou a infância em Luiz Alves, SC. Sua família era de ascendência italiana: de fato, os avós, João Antônio Baruffi e Maria Stringari, faziam parte do grupo de imigrantes italianos que se estabeleceram naquela região. Abraão, um dos onze filhos do casal, uniu-se em matrimônio com Inês Costa, no dia 14 de janeiro de 1939. Foram pais de sete filhos; ao terceiro, nascido no dia 18 de julho de 1944, foi dado o nome de Helvécio, e recebeu o batismo no dia 3 de outubro de 1944 na Capela de Santo Antônio, paróquia de São Vicente de Paulo, em Luiz Alves.

Os pais de Helvécio eram professores na escola primária local e também catequistas; o próprio Helvécio foi aluno deles no curso primário. Seus pais foram grandes promotores de vocações religiosas e sacerdotais. Durante os dez anos em que exerceram sua missão, encaminharam vários meninos para o aspirantado salesiano. Desses, onze se ordenaram padres; dentre eles, um se tornou bispo. Sobre esse período da vida, o Padre Baruffi escreveu no seu Projeto Pessoal de Vida:

“A história da minha vocação está ligada à minha família. Nela se vivia um clima de fé, de oração, de grande apreço pela vocação sacerdotal. Esta, especialmente por parte de minha mãe, era apresentada com muita veneração. Durante muitos anos, o Arcebispo de Florianópolis, quando vinha administrar a crisma em Luiz Alves, se hospedava em minha casa e era sempre acolhido com grandes festas por todo o povo.

Entre os parentes havia vários padres que com frequência visitavam meus pais e sempre deixavam na família um clima de serenidade e de alegria. Dom João Batista Costa, bispo missionário de Porto Velho, era primo de minha mãe, e o Padre Aleixo Costa, irmão de mamãe. Minha avó, Verônica Costa, depois de viúva, deixou sua casa e foi morar no aspirantado salesiano de Ascurra, onde permaneceu até a morte: ajudava na cozinha e na lavanderia.

Na minha casa, a escolha do seminário como caminho para estudar era providencial. Minha irmã mais velha completou os estudos com as Irmãs da Divina Providência; meu irmão, depois do terceiro ano primário, estudou com os Franciscanos; assim, quando chegou minha vez, fui com os Salesianos para Ascurra.

Na escola, além das noções de leitura e aritmética, aprendíamos muitos elementos de catequese e história sagrada, sempre em tom moralizante, aceitos sem muita crítica. Todos os anos, um irmão Marista visitava a nossa escola e falava de vocação; invariavelmente

fazia a pergunta: quem quer ser padre levante a mão. E tomava nota dos nomes, entre os quais estava o meu.

A Capela de Santo Antônio era um lugar de comunhão. Todos os domingos as famílias faziam a pé vários quilômetros e se juntavam para rezar o terço. Todos chegavam com antecedência para poder falar com os parentes, trocar ideias, ter notícias, saber das doenças, dos nascimentos etc. Depois da reza do terço, os meninos da escola tinham uma hora de catequese, quando se contavam episódios da Bíblia. Quatro vezes por ano, o pároco fazia uma visita de três dias. De longe o víamos caminhar a largos passos ao lado da igreja, rezando o breviário. Ouvia as confissões, celebrava a Eucaristia, reunia as crianças da catequese. Depois de aprender as palavras da Missa em latim, eu passei a ser coroinha, ajudando o padre na celebração eucarística.

Embora em Ascurra os aspirantes vivessem num ambiente bastante fechado, sem poder visitar muito os parentes, o aspirantado era sempre visto como um lugar fascinante, de grande alegria, de muita festa e também de muita santidade.

No fim do terceiro ano primário fui encaminhado para o aspirantado. Muito novo, eu não tinha ideia da vida salesiana. Eu queria ser padre e os modelos apresentados eram sempre ligados ao altar, ao culto divino e à administração dos sacramentos”.

Chamado à vida salesiana

Helvécio foi admitido ao curso ginásial no Colégio São Paulo, de Ascurra, no dia 6 de fevereiro de 1956. Com 12 anos de idade, começava a primeira experiência de vida concreta numa casa salesiana. No aspirantado, aos poucos, foi discernindo sua vocação para a vida salesiana. Começou um itinerário de vida que continuará por toda a sua existência. Seus diretores nos primeiros anos foram o Padre Alfredo Bortolini, Padre Pedro Prade e Padre Virgínio Fistarol.

No dia 8 de dezembro de 1962, com 18 anos de idade, fez o pedido para ser admitido ao Noviciado. Por meio de uma bela carta dirigida ao diretor, Padre Virgínio Fistarol, manifestava sua maturidade e seu espírito de fé. Escrevia assim:

“Reverendo Senhor Padre Diretor

Depois de vários anos de aspirantado, observando o regulamento de Dom Bosco, depois de estudar minha vocação, tenho a impressão de ser realmente chamado por Deus.

Hoje, festa da Imaculada Conceição, de espontânea e livre vontade, faço meu pedido para ingressar no noviciado salesiano.

Desde pequeno nutro no meu coração o desejo de ser padre e salesiano para salvar a minha alma e levar muitas outras a Deus.

Agora, finalmente, chegou o momento de realizar esse desejo e o faço com alegria, dispondo-me a suportar qualquer sacrifício pela minha vocação.

Faço este pedido confiando na Virgem Auxiliadora para que Ela seja a Mestra da minha vocação como foi para Dom Bosco, e estou certo de que não me acontecerá de voltar para trás.

Agradeço o trabalho que os superiores fizeram e farão para a minha formação.

Seu filho em Dom Bosco.

Helvécio Baruffi”.

Começou o noviciado em Taquari, RS, no dia 30 de janeiro de 1963. Seu mestre foi o amável Padre Osório Antônio Pires Filho. Sobre o noviciado, assim escreveu o Padre Helvécio:

“No noviciado, em meio a extensos campos e longe de tudo, impressionou-me a bondade do mestre e o clima de alegria. Tive a sorte de ser escolhido para cuidar dos oratorianos aos domingos, depois da Missa. Éramos dois que, junto com o assistente, organizávamos os

jogos para alguns oratorianos. Outra experiência que me marcou foi a de poder acompanhar o mestre na distribuição de alimentos vindos dos Estados Unidos para os pobres. Visitando suas casas e ouvindo suas conversas, via que a pobreza maior não era a material, mas uma vida de insegurança, especialmente por parte das mães”.

Emitiu a primeira profissão religiosa no dia 31 de janeiro de 1964, nas mãos do Padre Alfredo Bortolini. Depois, de 1964 a 1967, fez o pós-noviciado em São João Del Rei, MG. Obteve a Licença em Filosofia e Letras (inglês, português e latim). A respeito dessa etapa, comentou:

“Foi um período de abertura ao mundo. Eu não estava preparado para essa mudança tão forte. Talvez por isso eu não aproveitei como deveria. Havia familiaridade, seriedade nos estudos e, já em pleno tempo do Concílio, os documentos eram lidos e saboreados. Abria-se um mundo novo”.

Fez a experiência do tirocínio no Colégio Dom Bosco de Rio do Sul, SC. Sobre esse período, assim se expressou:

“Foi uma experiência de viver praticamente o sistema preventivo. Eu devia dar aulas. As matérias eram diversas. Minha timidez natural não me permitia desenvolver toda a riqueza que tinha dentro de mim. Ficava, porém, com os alunos, organizando o esporte e procurando que nas aulas aprendessem alguma coisa. Aos domingos, o oratório com a Missa no santuário de Maria Auxiliadora me encantava. Os oratorianos cantavam e o Bispo celebrava para eles. De tarde, havia os pais que vinham ajudar na catequese e, depois da bênção do Santíssimo, todos assistiam a um filme”.

Antes de iniciar os estudos teológicos emitiu a profissão perpétua na cidade de Taquari, nas mãos do Padre Mário Quilici. Em seguida, de 1970 a 1972, cursou os três primeiros anos de Teologia no Instituto Teológico Pio XI, em São Paulo. No dia 23 de outubro de 1971 foi-lhe conferido o ministério do Leitorado por Monsenhor Hugo Munari, Chanceler do Arcebispado; no dia 7 de outubro de 1972, o Padre Gabriel Fortier, Espiritano, Vigário episcopal da Região da Lapa, conferiu-lhe o ministério do Acolitado.

Cursou o quarto ano de Teologia em Porto Alegre, na Pontifícia Universidade Católica, residindo na Casa do Pequeno Operário. Foi ordenado Diácono no dia 23 de junho de 1973, no Colégio São Paulo de Ascurra, por Dom Tito Buss, Bispo de Rio do Sul. A respeito da etapa formativa do pós-tirocínio, o Padre Baruffi deixou escrito:

“Frequentei os três primeiros anos de Teologia em São Paulo, na Lapa. Éramos um grupo de mais de oitenta estudantes das seis Inspetorias do Brasil [...] No último ano de Teologia, em Porto Alegre, na parte da tarde eu tinha a responsabilidade de dirigir o colégio: manter a disciplina, organizar a presença dos professores, encontrar-me com os pais. Com tantas preocupações, o curso de Teologia acabou ficando em segundo plano [...] Aos domingos, eu desempenhava meu trabalho pastoral, especialmente como Diácono, na paróquia São Manoel”.

Vida e ministério de salesiano presbítero

A ordenação presbiteral do Diácono Helvécio Baruffi ocorreu em sua cidade natal, no dia 30 de dezembro de 1973, pela imposição das mãos do seu conterrâneo e parente Dom João Batista Costa, SDB, então Bispo de Porto Velho, RO. Escolheu como lema: *“Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco”* (Lc 22,15). No santinho de

lembrança da ordenação constava também uma frase bíblica: “Povos todos, louvai comigo o Senhor. Grande é a sua bondade e eterna a sua fidelidade” (Sl 116). Com o salmista exprimia o que sentia no coração. Em seu Projeto Pessoal de Vida deixou escrito o motivo da escolha desse versículo de Lc 22,15:

“Vivíamos um tempo de militarismo, de medo e desconfiança [...] Celebrar a Páscoa significa dar início a um mundo novo, fraterno, sem desconfianças. A Eucaristia, a Páscoa, é o alimento de quem caminha. Como sacerdote, sou chamado a oferecer, em nome da Igreja, o alimento para quem caminha. A Páscoa é um projeto, um desafio: ser Páscoa, ser Eucaristia para os outros, por meio do serviço, da pregação da Palavra e da presença entre os mais necessitados. Celebrar a Páscoa é buscar a comunhão entre todas as pessoas. Em torno da mesa eucarística, todos são irmãos, desapareçam as diferenças. Celebrar a Páscoa é oferecer a todos as riquezas da Páscoa de Cristo; a paz, a alegria, a salvação, a esperança, especialmente para enfrentar as dificuldades da vida”.

Nos últimos anos de vida, o Padre Baruffi andou enriquecendo o significado do lema escolhido:

“Dar a vida pelos irmãos de Congregação, procurando ouvir e oferecer as orientações da Congregação para que possam ser fiéis ao chamado do Senhor. Celebrar a Páscoa, hoje, significa também animar os irmãos a valorizar a Eucaristia e a oferecer ao Povo de Deus, especialmente aos jovens, a força da Páscoa de Cristo”.

Como salesiano presbítero, o Padre Helvécio inicialmente prestou os seguintes serviços na Congregação: de 1974 a 1975 exerceu o ministério em Ascurra, SC, como conselheiro escolar; na mesma casa, em 1976, foi vice-diretor; nos anos de 1977 e 1978 foi diretor do Instituto Assistencial São José, em Ponta Grossa, PR. De outubro

de 1978 a junho de 1980 foi estudante na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. O diploma, assinado pelo Reitor Padre Rafael Farina, atestava ter sido conferida, *“magna cum laude”*, a *“Licença em Sagrada Teologia, especialização em Pastoral, seção Espiritualidade”*. A respeito desse período, assim ele se expressou:

“Os dois anos na UPS foram positivos para poder retomar e integrar os estudos feitos. Foi um aprofundamento da espiritualidade salesiana. Meu TCC tratou da figura do salesiano coadjutor nos atuais documentos da Congregação. Trabalho realizado sob a coordenação do Padre Mário Midali. Experiência singular foi estar presente na praça de São Pedro na eleição do Papa João Paulo II: a espera da fumaça branca, a primeira aparição em público e as primeiras palavras de aceitação”.

Retornando ao Brasil, concluiu o ano de 1980 como vigário paroquial na paróquia São João Bosco de Itajaí, SC. De 1981 até 1989, em Curitiba, foi Mestre dos novícios; no triênio 1986-1989, além da função de Mestre, exerceu também a de Diretor da comunidade. Naquela oportunidade, assim escrevia o Padre Baruffi:

“A experiência de noviciado intercongregacional proporcionou-me segurança e abertura como pessoa. O contato com os mestres e as mestras levou-me a falar, a comunicar minhas riquezas interiores. Particularmente o contato com o elemento feminino me ajudou a amadurecer nas relações humanas, na acolhida e valorização de todas as pessoas”.

Nos anos de 1989 e 1990 foi diretor do Novo Lar de Menores, de Viamão, que abrangia também o noviciado. Foi um período que muito o marcou pelo ambiente de pobreza e pela oportunidade de continuar o trabalho de formação dos futuros salesianos.

No dia 12 de outubro de 1990, o Reitor-Mor, Padre Egídio Viganó, escreveu ao Padre Baruffi comunicando-lhe que o tinha designado como Inspetor da Inspetoria de São Pio X, de Porto Alegre. O Padre Viganó iniciava a carta com estas palavras: *"Escrevo-te precisamente no dia em que festejamos Nossa Senhora Aparecida: considera esta minha comunicação como um convite materno de Nossa Senhora para ti [...] Por isso, sê generoso e responde ao convite da Aparecida com a tua disponibilidade"*. Por meio de um telegrama, o Padre Helvécio pronunciava o seu "sim" em função da nova missão, e no dia 30 de outubro o Padre Egídio Viganó formalizou a nomeação.

Ele dirigiu a Inspetoria de Porto Alegre por seis anos, de 1990 a 1996. Durante seu mandato, deu-se a informatização da casa inspetorial, que também foi ampliada (1993); encaminhou-se um plano de saúde para os salesianos; houve a reestruturação do Colégio São Paulo de Ascurra; deu-se início ao Centro Profissional Gráfico; foi promovido o Movimento Juvenil Salesiano por meio de uma melhor articulação; iniciaram-se os encontros de formação para os professores e para os animadores vocacionais, e o curso de comunicação para os salesianos em formação inicial. Nesse tempo ocorreu também a ordenação episcopal do ex-Inspetor, Dom José Jovêncio Balestieri.

Como Inspetor, procurou trabalhar sempre em equipe com o Vigário e o Ecônomo. Deu muita atenção aos salesianos doentes. Ficava perturbado quando algum irmão não morria sereno e em paz. Dois acontecimentos o marcaram de modo particular durante aqueles anos. Ele escreve:

"Experiências que me marcaram foram as mortes que ocorreram durante o meu mandato inspetorial. Quatro salesianos morreram num único acidente de carro depois do retiro espiritual. A tristeza e a perda

dos irmãos me levou a não fazer nenhuma transferência naquele ano.

Nesse período fiz também a experiência da morte da minha mamãe (20 de janeiro de 1992). Minhas últimas lembranças remontam a uma manhã em que eu devia viajar para participar da ordenação do Padre Leo Kieling em Cândido Godói, RS. De manhã, ela ia buscar o leite. Abraçamo-nos diante de casa e parti. Quando no dia da morte recebi a notícia de seu passamento, eu não conseguia acreditar. Fui imediatamente para casa; encontrei meus irmãos, e a mamãe imóvel no caixão. Seu rosto estava sereno. Antes de fechar o caixão, junto com papai, demo-nos as mãos e rezamos pedindo a graça de continuarmos sempre unidos. A Eucaristia foi um ato de reconhecimento por parte de todo o povo e dos salesianos, daquela bondade, delicadeza e simplicidade com que ela marcou a vida de tantos jovens, especialmente na escola e na catequese”.

Em 1996, durante o XXIV Capítulo Geral da Congregação Salesiana, o Padre Helvécio Baruffi foi eleito membro do Conselho Geral, com a função de Conselheiro regional para a Região América Latina Cone Sul, serviço que exerceu durante o mandato do Padre Juan Vecchi e o primeiro sexênio do Padre Pascual Chávez Villanueva. Por ocasião da sua primeira eleição, ele escreveu:

“Os capitulares acabaram de depositar os próprios votos na urna. Os escrutinadores, com calma, iam lendo os nomes escritos nas cédulas. Quanto se alcançou o número adequado, a assembleia prorrompeu em aplausos. O Reitor-Mor, Padre Juan Vecchi, com voz tranquila, me perguntou se eu aceitava o encargo. Respondi que aceitava a fim de servir aos irmãos. E a partir de então meus caminhos foram completamente diferentes daqueles que eu tinha imaginado para a minha vida. A primeira experiência foi a de sentir-me acolhido em tantos lugares diferentes: Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Brasil. Em seguida, a experiência dos limites diante de tantos desafios. Nas

reuniões do Conselho, o trabalho de fazer a programação para o sexênio. Tudo era novo”.

Durante o primeiro ano, enquanto trabalhava no Conselho Geral, sofreu outra perda: seu pai, Abraão, faleceu no dia 14 de julho de 1996. O Padre Baruffi descreve assim a notícia da morte de seu pai; suas palavras testemunham a estima e a consideração que nutria pelos seus pais:

“Uma noite, depois do jantar, eu estava repousando no meu quarto, quando de repente ouvi o ribombar como de um forte trovão. Não parecia que iria chover. Instintivamente levantei-me da cama para fechar a janela do quarto. Poucos minutos depois eu recebia um telefonema comunicando-me a morte de meu pai. Tinha problemas de saúde, mas sua morte foi repentina. Atordoado, sem saber o que fazer, fui falar com o Padre Vecchi. O Padre Antônio Ferreira me ajudou a encontrar uma passagem aérea. Consegui chegar em casa no dia seguinte para celebrar a Eucaristia de corpo presente e fazer as últimas orações antes do sepultamento. Senti um grande vazio”.

No Capítulo Geral XXV o Padre Baruffi foi reeleito Conselheiro Regional para o Cone Sul. Suas palavras de aceitação foram estas: *“Agora que tenho experiência, posso dispor melhor de minhas forças para servir aos irmãos”*. Seu serviço preencheu vários anos de sua vida. Procurou realizá-lo da melhor forma possível, mantendo-se sempre fiel às orientações da Congregação.

3. Breve perfil espiritual

O Padre Helvécio escreveu assim no início do seu Projeto Pessoal de Vida:

“Os meus objetivos estão basicamente delineados pelas Constituições que me dizem que devo viver a minha vida realizando a vontade de Deus, segundo o caminho traçado por Dom Bosco; que devo empenhar-me em viver em comunidade, procurando construir a comunidade dos irmãos e buscando anunciar o Reino de Deus aos jovens e ao povo simples”.

Somos muitas as testemunhas que podemos confirmar que o nosso querido Padre Helvécio, ao longo da sua vida salesiana, procurou concretizar esses objetivos e que, nisso, teve bom êxito. Deus foi bondoso para conosco ao conceder-nos o dom deste admirável salesiano. Louvado seja!

Humano, benévolo, sábio e jovial

Dom José Balestieri, seu conterrâneo, escreve: *“Oriundo de uma família de camponeses profundamente religiosa, herdara de seus pais e cultivava duas grandes virtudes: a simplicidade e a humildade. Essas duas qualidades ornaram o Padre Helvécio no seu ser e no seu viver. Por isso, Deus o tornou sábio!”*. O bom humor, unido a um sorriso discreto (que não o impedia de dar sonoras risadas!), era-lhe familiar e companheiro de caminhada.

Ele foi sempre visto como uma pessoa afetuosa, obediente e solidária. Muito parecido com sua mãe quanto ao caráter e à abnegação, sua irmã Áurea escreve: *“Respeitava e ouvia a todos, fosse quem fosse, viesse donde viesse. Jamais usou seus títulos para aparecer melhor do que os outros. Pelo contrário, tratava cada um e todos como seu melhor amigo... com olho atento e procurando sempre uma felicidade marcada*

de amor, dedicação e bom exemplo". Dom Hilário Moser, que foi seu professor e formador durante os estudos de Teologia em São Paulo, na Lapa, lembra o Padre Helvécio "como uma pessoa gentil, alegre, sempre sorridente. Era um bom salesiano e um companheiro amável e disponível. Não creio que nos arquivos conste alguma observação negativa a respeito de sua personalidade e do seu comportamento".

Sem dúvida, no Padre Helvécio, era patente sua simplicidade de vida unida a uma constante alegria serena. O Padre Filiberto Rodríguez, que partilhou com ele da animação da Congregação por doze anos como Conselheiro Regional da Região Europa Oeste, escreve: *"Eu apreciava nele, por um lado, certa ingenuidade, fruto da delicadeza e da bondade de sua pessoa; por outro, uma sabedoria prática que o levava a viver em paz com todos, evitando desencontros. Sabia calar, ouvir; em seguida, vinha uma palavra que esclarecia tudo o que tinha pensado".*

Dom Tarcísio Scaramussa escreveu: *"O Padre Baruffi era uma pessoa franca: ia direto ao centro dos problemas, sem grandes elucubrações ou racionalizações. Dessa forma, ele nos ajudava a nos concentrarmos nas questões essenciais. Era aberto ao debate e à aceitação de novas ideias e pontos de vista, tornando-se, assim, fator de coesão, também renunciando algumas vezes ao próprio ponto de vista... Foram muitos os fatos e os momentos que vivemos juntos, mas conservo sobretudo na memória a sua pessoa: deixava transparecer a alegria de viver uma vida cheia de sentido. Simplicidade e alegria eram as características que mais marcaram a sua presença".*

Era fácil no relacionamento, sempre pronto à acolhida do outro, sem fingimentos ou objetivos ocultos. *"Dotado daquela simpatia que o tornava próximo de todos, paciente, pronto a ouvir as pessoas, incapaz de uma palavra ou de um gesto menos gentil"* (Dom Hilário Moser).

Seu olhar sereno e seu rosto sorridente deixavam transparecer bondade, disponibilidade, generosidade. Assim testemunha Dom José Balestieri: *“Na vida de comunidade, a fraternidade não era só teoria. Era alguma coisa de inerente ao seu cotidiano. Preocupava-se com a comunhão das pessoas”*. O Padre Filiberto Rodríguez o definia como *“amigo fiel, profundo, generoso”*. E sua irmã, Áurea, lembra como desde os anos da sua infância *“sempre cultivou a amizade, amizade que seus colegas de escola ainda lembram com muito afeto”*. Sua outra irmã, Clotilde, dirigindo-se a ele, dizia-lhe: quando você era pequeno *“gostava muito de ler, ajudar nos trabalhos, cuidar dos animais, pois morávamos na colônia. Você cresceu e foi para o aspirantado. Que festa quando voltava para casa nas férias! Depois que ficou padre, você ainda vinha visitar a família e nos contava a respeito do seu trabalho com tanto entusiasmo que todos ficávamos contagiados”*.

Fé profunda e simples

Dom José Valmor César Teixeira, que viveu com ele em diversas e importantes etapas da vida salesiana, definiu o Padre Helvécio como *“homem de fé, homem justo”*. Fundamento da sua ação era a *profundidade da vida espiritual*, que se manifestou de forma particular como Mestre dos noviços, e depois se expandiu em plenitude no exercício do cargo de Inspetor e Conselheiro regional. A vida espiritual se alimentava da união com Deus, do amor a Jesus Cristo, da entrega a Nossa Senhora Auxiliadora.

A oração e particularmente a Eucaristia eram o alimento da sua espiritualidade, o estímulo para a sua missão de serviço aos irmãos. A esse respeito, é suficiente recordar aqui as significativas expressões do Padre Helvécio registradas no Projeto Pessoal de Vida,

citadas acima, por ocasião da sua ordenação presbital, a partir do lema escolhido para o santinho de lembrança da ordenação: “Desejei ardentemente celebrar esta Páscoa convosco” (Lc 22,15).

Dom Tarcísio Scaramussa dá o seguinte testemunho: *“Na base de tudo havia uma vida espiritual que ele sempre alimentava com a oração e a meditação da Palavra de Deus. Eu o via como um homem de fé profunda, vivida de maneira simples, salesiana. Era um religioso serenamente integrado na vida da comunidade salesiana e da Igreja”*. E Dom José Balestieri confirma: *“Vivia salesianamente e ensinava a intimidade com Jesus Cristo presente na Eucaristia; o afeto filial para com Nossa Senhora Auxiliadora; a fidelidade ao Evangelho, à Igreja, à pessoa humana”*.

Evangelizador dos jovens, segundo o exemplo de Dom Bosco

“Homem do trabalho, mesmo como superior, não rejeitava os trabalhos mais humildes, dedicando-se com prazer e alegria ao cumprimento da missão salesiana” (Dom José Valmor). *“Não media esforços para estar presente nas Inspetorias da Região confiada a seus cuidados. Por onde andasse, partilhava com orgulho a história e os acontecimentos da missão salesiana na sua rica e multiforme expressão. Deixava transparecer a alegria de viver uma vida cheia de sentido, identificado como era com o carisma salesiano”* (Dom Tarcísio Scaramussa).

Deve-se sublinhar particularmente o *profundo amor a Dom Bosco*, traduzido na plena adesão ao carisma salesiano, que vivia e transmitia aos irmãos e aos jovens, e na total dedicação ao serviço da Congregação. Sua irmã Áurea o lembra, *“ainda muito jovem, com a convicção de seguir os passos de Dom Bosco”*. E Dom Valmor, que

o conheceu como jovem sacerdote, declara que *“era muito estimado porque gostava de ficar entre os meninos, jogava futebol com eles e participava de todas as atividades com alegria, sempre amável e cordial. Era exigente em tudo o que se referia aos compromissos assumidos..., mas a sua presença era animadora e contínua”*. Um membro de sua família afirma que *“em cada momento mostrava seu forte carisma salesiano e o seu entusiasmo pelas Obras de Dom Bosco”*.

Por sua vez, Celso Ari Baruffi escreve: *“Relembrando um pouco o tempo que passamos juntos em Curitiba com o irmão e os sobrinhos, víamos no Padre Helvécio um símbolo de Dom Bosco, pela sua preocupação para com os outros”*. E Miguel de Assis, seu sobrinho, confirma: *“Ele sempre dizia que as obras sociais traduziam melhor o rosto de Dom Bosco porque faziam o que o próprio Dom Bosco fizera com os jovens mais pobres”*.

“O que mais o distinguia era o amor e a preocupação pelas obras sociais. Chegando à minha casa – conta Celso Ari Baruffi –, depois dos primeiros cumprimentos, pedia imediatamente para visitar as obras sociais que a Família Salesiana mantinha nas paróquias Menino Jesus de Praga e de Vila Guaiúra, em Curitiba. Passava por todos os ambientes, saudava a todos com encorajadora alegria, deixando sempre alguma palavra de estímulo para os jovens e os professores; na cozinha, saudava e agradecia com elogios as cozinheiras. Só depois dessas visitas ia ao encontro dos irmãos salesianos para cumprimentá-los”.

A identificação com Dom Bosco e o seu carisma era o alicerce do seu espírito de trabalho, de colaboração, de doação aos outros, de serviço aos jovens, com uma predileção pelos mais pobres e necessitados. *“Evangelizador dos jovens, das famílias, dos excluídos”*, assim o define sua irmã Áurea. Como Dom Bosco, o Padre Baruffi acreditou na bondade dos jovens e na sua capacidade de que, se

bem acompanhados, podem chegar à santidade. A beatificação de Zeferino Namuncurá foi para ele um momento de glória para a Congregação na América, *“o ápice da sua alegria”*, segundo as palavras de um seu irmão. Uma coisa é certa: *“a sua dedicação à missão de Conselheiro Regional para a América Cone Sul e o seu amor pela Congregação Salesiana levaram-no a consumir sua vida e a ter uma morte prematura”* (Dom Hilário Moser).

Para terminar, parecem-me muito pertinentes as palavras de Dom José Balestieri, em parte já referidas, que sintetizam os principais aspectos do perfil salesiano do Padre Helvécio: *“Vivia salesianamente e ensinava a intimidade com Jesus Cristo presente na Eucaristia; o afeto filial para com Nossa Senhora Auxiliadora; a fidelidade ao Evangelho, à Igreja, à pessoa humana; o amor a Dom Bosco e à Congregação; o poder de atração de uma comunidade evangélicamente fraterna; a predileção pelos pequenos e pobres. Um irmão orante! Combateu o bom combate! Deus o chamou para adornar o Jardim Salesiano!”*.

Faço minhas as palavras de pêsames que Dom Tarcísio Scaramussa me dirigiu: *“Não esperávamos que isso fosse acontecer precisamente agora, mas Deus nos desafia e surpreende a cada momento: seja feita a sua vontade, porque é sempre Ele nosso único bem e nossa esperança. Demos graças a Deus pela vida desse amado irmão. Padre Baruffi quis voltar a Roma, desejava ir a Turim, retornar a Dom Bosco. A sua morte será semente que fará florescer o ardor pastoral dos irmãos. Fará grande falta, sem dúvida! Mas agora é feliz, junto com Dom Bosco no paraíso!”*.

De fato, ainda entristecidos pelo seu prematuro desaparecimento, nos alegamos com ele porque voltou para junto do seu Senhor que, depois de ter batido à sua porta, o chamou pelo

nome ainda uma vez e o encontrou “preparado, os rins cingidos, a lâmpada acesa”, fê-lo entrar em sua casa e agora o faz sentar à sua mesa e o serve, enche-o de alegria e de dias sem-fim. Cremos, ó Senhor, e por isso te somos agradecidos, que “aos teus fiéis, a vida não é tirada, mas transformada, e enquanto se desfaz a morada terrena, é preparada nos céus uma habitação eterna”.

Pascual Chávez V.

Padre Pascual Chávez Villanueva

Reitor-Mor